Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas:
Construindo Saberes e Compartilhando Experiências
Araquari/SC – Publicação Colaborativa de Professores e Pesquisadores
Edição n° 2 – Ano 2025 – ISSN (em processo de registro)

ENTREVISTA

A seção **Entrevista** tem como propósito promover diálogos com educadores e especialistas, trazendo diferentes olhares sobre a prática pedagógica e os desafios contemporâneos da educação.

Por meio dessas conversas, a *Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas: construindo saberes e compartilhando experiências* busca valorizar o compartilhamento de conhecimentos e vivências do cotidiano escolar. Acreditamos na importância da reflexão coletiva e da autoria docente para a construção de práticas educativas mais abertas, colaborativas e significativas.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA E PESQUISADORA ALESSANDRA BERNARDINO

A entrevista a seguir, conduzida pela professora Suéli Trindade de Oliveira[1], integrante do Comitê Editorial da Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas, apresenta uma conversa com a professora e pesquisadora Alessandra Bernardino, mulher negra, quilombola, educadora e cidadã de Itapocu, em Araquari (SC), que compartilha seus saberes e vivências no campo da educação e das relações étnico-raciais.

[1] Mestranda em Ciências da Educação (Unisal/PY). Pedagoga. Especialista em Primeira Infância e em diferentes abordagens para Educação Infantil. Coordenadora de Ensino na Secretaria de Educação de Araquari/SC.

Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas:
Construindo Saberes e Compartilhando Experiências
Araquari/SC – Publicação Colaborativa de Professores e Pesquisadores
Edição nº 2 – Ano 2025 – ISSN (em processo de registro)

Tema: Educação, identidade e pertencimento: os saberes que fortalecem a comunidade.

1 – Quem é Alessandra Bernardino?

Professora Suéli: Como você se apresenta e se reconhece nessa caminhada como mulher negra, quilombola, professora e cidadã de Araquari?

Professora Alessandra: Sou uma mulher negra, quilombola da comunidade de Itapocu, em Araquari (SC). Iniciei minha carreira em 1993, no município de Araquari, na Escola Municipal Amaro Coelho. Sou mestre em Educação, assistente técnico-pedagógica na Coordenadoria Regional de Educação de Joinville e pesquisadora da história e cultura africana, afro-brasileira e quilombola."

Professora Suéli: Sabemos que você atua como articuladora nas comunidades remanescentes quilombolas da região norte do estado de Santa Catarina, com foco na Lei 10.639/03, que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Como essa função se conecta com sua identidade e sua militância no Movimento Negro? Onde a Alessandra professora e pesquisadora e a Alessandra ativista se encontram?"

Professora Alessandra: A Alessandra se torna Professora Alessandra em 1997, a partir de uma situação de racismo em uma sala de aula do terceiro ano do ensino fundamental. Quando um estudante branco chamou um colega negro de macaco, senti a necessidade de agir e, a partir desse fato, desenvolvi o Projeto Catumbi-Mirim. Foi nesse momento que me encontrei como professora e iniciei minha atuação como militante no movimento social. Posteriormente, em 2008, fui presidente do movimento Brasil Nagô em Joinville. Por meio de uma amiga, professora de História, conheci outra comunidade quilombola na cidade, além da minha. Juntas, realizamos diversas atividades ligadas à educação antirracista, com o objetivo de fortalecer o reconhecimento daquela comunidade como negra e quilombola.

2 – Raízes e Identidade (Memória e Pertencimento)

Professora Suéli: Quais memórias da sua infância e da sua família mais marcaram a sua trajetória?

Professora Alessandra: O amor é a principal marca da minha trajetória infantil. Fui a filha mais velha, muito mimada pelas primas, tios, avós e, principalmente, por meus pais. Fui criada no seio de uma família amorosa, que me ensinou o respeito ao próximo e a honestidade. Na infância, brincava e estudava com vizinhos de diferentes classes sociais e etnias. Fui filha única até os cinco anos. Embora fosse um tempo de dificuldades financeiras, recebi uma educação de muita qualidade e aproveitei a oportunidade dos estudos para realizar meu desejo de ser professora.

Professora Suéli: Você cresceu na comunidade de Itapocu, sendo filha do "Seu Risca" (Antonio Bernardino), uma liderança local. Que ensinamentos você carrega dele e de outras figuras marcantes, como a Tia Balbina (benzedeira e artesã das coroas do Catumbi), para sua vida e seu trabalho?

Professora Alessandra: Ser filha do 'Seu Risca' é conviver com a ancestralidade que ele carrega. A sabedoria com que ele lida com a vida e suas narrativas me inspiram a ser melhor e a fazer o melhor. Meu pai é minha referência, meu amigo e parceiro de vida. A convivência com os mais velhos da minha família, incluindo a presença marcante da Tia Balbina, reflete diretamente em meu trabalho. Dela, trago a força e a humildade que preciso ter como educadora, além da dedicação nas atividades que desenvolvo e da coragem necessária para resolver problemas, sejam eles pessoais ou profissionais."

Professora Suéli: O que o pertencimento quilombola representa na sua vida pessoal e profissional?

Professora Alessandra: Meu pertencimento à comunidade quilombola de Itapocu, tanto na vida pessoal quanto na profissional, consiste em um duplo movimento: fortalecer-me e educar-me para reconhecer e respeitar minha própria cultura e história. Esse pertencimento cria

Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas:
Construindo Saberes e Compartilhando Experiências
Araquari/SC – Publicação Colaborativa de Professores e Pesquisadores
Edição nº 2 – Ano 2025 – ISSN (em processo de registro)

possibilidades para que eu realize pesquisas sobre a cultura afro-brasileira e quilombola, colaborando para dar relevância histórica a essa comunidade, suas dinâmicas, seu território, sua religiosidade, sua resistência e sua potência. É assim que me encontro neste universo, que se conecta diretamente com minha vida, minha família e meu fazer pedagógico.

Professora Suéli: A tradição do Catumbi é um pilar da identidade de Itapocu. Como essa vivência desde a infância moldou sua visão de mundo e sua prática como educadora?

Professora Alessandra: Desde criança, herdei o amor e a fé em Nossa Senhora do Rosário, tendo sido, inclusive, rainha da festa em sua homenagem na década de 90. Para mim, a manifestação do Catumbi coloca em pauta na sociedade catarinense a preservação da história e da resistência de homens e mulheres quilombolas, afirmando a importância do grupo como um símbolo da cultura negra no estado. Essa vivência me ensina a valorizar e a olhar profundamente para minha ancestralidade e minha história. Ela se nutre dos saberes transmitidos na comunidade quilombola de Itapocu, da qual sou remanescente e onde atuei como professora por nove anos, o que molda diretamente minha prática como educadora.

3 – Caminho na Educação (Trajetória e Conquistas)

Professora Suéli: O que te motivou a seguir o caminho da docência?

Professora Alessandra: Desde criança, sempre quis ser professora. Confesso que não sei fazer outra coisa em que a educação não seja o carro-chefe, até porque tenho referências na minha própria família, incluindo tias que são professoras. Assim que terminei o ensino médio, já com a pretensão de cursar Pedagogia, recebi um convite que mudou minha trajetória. Minha tia, Maria dos Reis Conceição, que na época era secretária municipal de educação em Araquari, me convidou para lecionar na Escola Municipal Amaro Coelho, em 1993. Sou muito grata por essa oportunidade. A partir dali, aproveitei o impulso: cursei Pedagogia e nunca mais parei. Lá se vão 32 anos dedicados à área da educação. Hoje, sou servidora pública efetiva na Coordenadoria Regional de Educação de Joinville, onde atuo como responsável pela Educação das Relações Étnico-Raciais. Nesse percurso, tornei-me mestre em Educação e, entre as diversas atividades

Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas:
Construindo Saberes e Compartilhando Experiências
Araquari/SC – Publicação Colaborativa de Professores e Pesquisadores
Edição nº 2 – Ano 2025 – ISSN (em processo de registro)

que realizo, também lecionei em cursos de aperfeiçoamento e na licenciatura em Educação Escolar Quilombola.

Professora Suéli: Quais desafios e conquistas você destacaria da sua trajetória como professora quilombola?

Professora Alessandra: O início da minha carreira foi marcado por desafios. Destaco a pouca experiência, a necessidade de aperfeiçoamento contínuo e a falta de estabilidade, pois lecionava como professora contratada. No entanto, com o tempo, fui superando essas dificuldades. Hoje, reconheço que todo o esforço e trabalho não foram em vão.

Professora Suéli: Há algum momento marcante em sua prática que simbolize a importância de ser educadora?

Professora Alessandra: Sim, quando houve a situação de racismo na sala de aula entre estudante tomei a decisão de levar a história de Itapocu para a sala de aula. Quando um menino branco chamou um colega negro de macaco após uma aula, decidi que precisava intervir. O fato ocorreu em agosto de 1999, próximo ao Dia do Folclore. Aproveitei a data para conversar com os alunos sobre as diversas manifestações culturais e a contribuição de cada etnia, com foco na etnia negra e, especificamente, no Grupo Catumbi, uma manifestação afro-brasileira de cunho religioso e cultural com mais de 150 anos de existência na comunidade. Assim nasceu a experiência pedagógica, realizada no contraturno com crianças das séries iniciais da Escola de Educação Básica Titolívio Venâncio Rosa, a única instituição da rede estadual na comunidade. O grupo de meninos e meninas que dramatizava o Catumbi precisava de um nome. A solução veio de forma inesperada: um dos alunos, que tinha uma irmã casada com um cacique, visitou uma comunidade indígena e descobriu que 'Catumbi' é uma palavra de origem indígena que significa 'sapateiro'. A partir daí, o grupo passou a se chamar Catumbi-Mirim, ou seja, 'pequenos sapateiros'. O projeto ganhou grande visibilidade. O Catumbi-Mirim ficou conhecido na mídia por se apresentar em desfiles cívicos em toda a região norte de Santa Catarina, além de participar de programas de televisão e outros projetos escolares. Com o apoio da gestão escolar, de professores comprometidos, dos pais e da comunidade, superamos muitas dificuldades, como desafios financeiros, falta de espaço, carência de tempo, questões de organização e até

mesmo o preconceito, por vezes de fundo religioso. A intensidade das atividades e o reconhecimento do grupo culminaram em importantes conquistas. Em 2002, participei do 1º Prêmio Educar para a Igualdade Racial, promovido pelo CEERT, em São Paulo. Nosso projeto, intitulado 'Uma questão de raça e cultura: Etnia Negra', foi escolhido como uma das 30 melhores experiências do país. Mais tarde, em 2017, o projeto Catumbi-Mirim foi novamente premiado, conquistando o segundo lugar entre 500 iniciativas selecionadas pelo Ministério da Cultura.

4 – Saberes que Circulam (Intercâmbio Comunidade-Escola)

Professora Suéli: Que saberes da sua comunidade você leva para dentro da escola?

Professora Alessandra: Levo para a instituição onde trabalho a referência da minha história familiar, carregada de ancestralidade, e a esperança de construir uma sociedade mais justa.

Professora Suéli: Na sua visão, o que significa falar em saberes de rede?

Professora Alessandra: Falar em saberes de rede significa reconhecer que o conhecimento não está concentrado em um único lugar, pessoa ou instituição. Ele se constrói coletivamente, em um processo no qual todos ensinam e todos aprendem: professores, estudantes, gestores, famílias, comunidades tradicionais, movimentos sociais e o próprio território. O saber, portanto, não é apenas o acadêmico ou o institucional, mas também o saber da experiência, da oralidade, da memória e da vivência comunitária. Nesse sentido, é fundamental valorizar os saberes ancestrais e reconhecer as lideranças comunitárias como educadoras. Assim, o território se legitima como uma fonte de conhecimento.

5 – Pertencimento e Território (Araquari e a Luta antirracista)

Professora Suéli: Como você enxerga o município de Araquari em relação à valorização da diversidade e da cultura quilombola?

Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas:
Construindo Saberes e Compartilhando Experiências
Araquari/SC – Publicação Colaborativa de Professores e Pesquisadores
Edição nº 2 – Ano 2025 – ISSN (em processo de registro)

Professora Alessandra: Vejo o município de Araquari como um território com um potencial importante, mas ainda desafiado no que diz respeito à valorização da diversidade, em especial da cultura negra e quilombola. Araquari está inserido em uma região marcada por uma forte diversidade étnico-cultural, e a presença quilombola é parte fundamental dessa história. O que falta, em muitos casos, é uma política cultural permanente, construída com o protagonismo das próprias comunidades. Isso faria com que a história e a cultura quilombola estivessem de fato presentes nas escolas, não apenas como uma obrigação legal, mas como parte viva da identidade local.

Professora Suéli: Quais avanços você percebe e o que ainda precisamos fortalecer enquanto rede de ensino e sociedade?

Professora Alessandra: Araquari tem base histórica e cultural para avançar muito, mas isso exige compromisso político, continuidade nas ações e o reconhecimento de que a cultura quilombola não é apenas um patrimônio do passado, mas sim parte viva do presente e do futuro do município. Na área educacional, ainda há escassez de materiais que representem a realidade quilombola da região. Portanto, fortalecer a produção e o uso de materiais pedagógicos contextualizados, construídos com a participação das comunidades, é um passo decisivo.

Professora Suéli: A luta pela garantia do território é central para as comunidades quilombolas. Quais são os maiores desafios hoje para as comunidades de Araquari, como Itapocu e Areias Pequenas, especialmente na luta pela garantia de seus direitos e pela preservação de suas terras?

Professora Alessandra: O maior desafio para as comunidades quilombolas, a meu ver, é ter clareza de quem são e aonde querem chegar. Isso implica colocar na balança os pontos positivos e negativos, o que se ganha e o que se perde em cada etapa, e, acima de tudo, ter paciência com o tempo, pois tudo é um processo.

Avançamos no reconhecimento e no discurso, mas o desafio prático permanece: ainda precisamos fortalecer a prática cotidiana, a formação de novas lideranças, a implementação de um currículo antirracista e a ampliação da nossa participação social.

Professora Suéli: Você também se dedica a formar outros professores. Qual é a principal barreira que os professores enfrentam para aplicar a Lei 10.639/03 e como podemos superá-la?

Professora Alessandra: A maior barreira é o racismo estrutural, que se manifesta na falta de compreensão que professores e profissionais da educação engajados enfrentam por parte de outros colegas, que não veem a educação antirracista como primordial no espaço escolar.

Professora Suéli: Se pudesse resumir sua trajetória em uma palavra ou expressão, qual seria? Por quê?

Professora Alessandra: Como diz o samba interpretado por Diogo Nogueira: 'A vida vai te balançar, te questionar, te sacudir... O que ela quer da gente é coragem!'. E, para mim, desistir não está no dicionário. Para enfrentar os desafios que a vida pessoal e profissional nos impõe e para chegar até aqui, é necessária muita coragem.

Professora Suéli: Que mensagem você deixaria para as crianças e jovens que hoje estudam na rede municipal?

Professora Alessandra: Gostaria de deixar uma mensagem para as crianças: não existe um único jeito certo de ser, de aprender ou de viver. Todos vocês são importantes. Suas histórias, suas famílias e suas culturas refletem a diversidade que existe em Araquari. Uma diversidade negra, quilombola, indígena e migrante. Eu considero isso uma riqueza, não um problema. Lembrem-se: todos vocês pertencem à escola, à cidade e ao futuro que estamos construindo juntos, sempre com o compromisso de que ninguém fique para trás.

Professora Suéli: E para os professores e professoras, qual é o seu recado sobre a importância de reconhecer e valorizar as múltiplas identidades que compõem nossas escolas?

Professora Alessandra: Aos professores, eu diria: não ignorem, não silenciem. A escola não pode correr o risco de se tornar um espaço de exclusão. Os estudantes aprendem melhor, criam vínculos mais fortes e reafirmam sua autoestima e seu protagonismo quando se sentem pertencentes. Para que isso aconteça, façam escolhas conscientes: escolham bons autores, boas

narrativas, boas imagens e boas palavras. Cuidem das expectativas que depositamos sobre cada estudante. Valorizem a escuta atenta das crianças, dos jovens, das famílias e das comunidades. E, por fim, professores, reconheçam suas próprias trajetórias e seu próprio pertencimento. Esse exercício de autoanálise nos humaniza e fortalece o trabalho coletivo, direcionando nossa prática para a construção de uma sociedade mais justa e equânime.